

Aleijadinho: o gênio do barroco mineiro e sua enfermidade

José Lucas Magalhães Aleixo¹

Resumo

Este artigo apresenta uma síntese sobre as mais importantes hipóteses acerca da(s) enfermidade(s) do grande escultor mineiro Antônio Francisco Lisboa. Mostra também algumas informações sobre a vida e a obra artística do mestre do barroco brasileiro, também conhecido como Aleijadinho.

Palavras-chave

Aleijadinho, arte barroca, enfermidade(s) do Aleijadinho, mineiridade.

Aleijadinho: the baroque genius and his infirmity.

Abstract

This article represents a synthesis about the most important hypothesis respect to diseases of the great mineiro (born in Minas Gerais) sculptor, Antônio Francisco Lisboa. Represents too some informations about the life and artistic work of this master of brasilian baroque art as knowed as Aleijadinho. (Little Crippled)

Key-words

Aleijadinho (Little Crippled); baroque art, Aleijadinho's diseases, mineiridade (singular civilization of Minas Gerais and your people)

¹ Professor da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais; Técnico da Coordenadoria da Assistência à Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente da SES/MG.

Endereço para correspondência
Av. Augusto de Lima,
nº 2061, 30.190-002,
Belo Horizonte, MG

Introdução

Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho, representa a expressão máxima do barroco em nosso país, com obra significativa, de reconhecimento mundial, concentrada em Minas Gerais, especialmente em Ouro Preto, Congonhas do Campo e São João del-Rei.

Sua vida e obra sempre despertaram interesse, não só pelo mérito intrínseco de sua produção artística sem par em nosso meio, mas também por outros aspectos que o envolveram como ser humano: as questões sociais oriundas do fato de ser um mulato bastardo, vivendo e trabalhando com relativo sucesso numa sociedade de dominação colonial européia, sofrendo dupla discriminação de cor e de nascença local.

Porém, é outro aspecto marcante de sua vida que motiva esse artigo, qual seja, a enfermidade ou enfermidades que o acometeram durante os últimos quarenta anos de sua existência e que, apesar das dolorosas limitações a ele impostas, não impediram uma produção volumosa e de valor artístico inestimável.

São várias as teorias voltadas ao diagnóstico retrospectivo de sua enfermidade. Não trago aqui nenhuma nova teoria, pois na realidade pretendo falar do Aleijadinho, do barroco mineiro, das Minas Gerais e desse sentimento difuso e ao mesmo tempo incisivo que percorre a alma de muitos mineiros, que se convencionou chamar de *mineiridade*.

A mineiridade

Que mineiridade é essa? Muitos questionam haver algum traço cultural, sentimento ou atitude coletiva que possa ser convencionada como *mineiridade*, entendida esta como uma entidade sociológica ímpar e própria, natural-

mente gestada, desenvolvida e contida entre as montanhas e lentamente espraçada pelos sertões de Minas Gerais.

O certo é que alguns traços culturais regionais de Minas foram generalizados indiscriminadamente. Mas isso não impede de se falar em uma cultura mineira própria e ímpar, fechada em si mesma, fermentando, no período setecentista sob forte controle emigratório da metrópole portuguesa, zelosa em controlar a exploração do ouro. E a seguir desenvolvendo-se assentada na diversidade de um Estado com fronteiras em intercâmbio com estados vizinhos, conforme relata Mata-Machado (1991) — relacionando o sertão noroeste mineiro com o sul da Bahia —, além dos casos similares do sul de Minas com São Paulo e da Zona da Mata com Rio de Janeiro. Mesmo assim, por outro lado, esse viés da diversidade conviveu simultaneamente com outro, regional, muito próprio, assentado na singularidade de regiões, cidades e lugares relativamente isolados, onde o tempo literalmente tem passado muito lentamente, ou, então, permanece parado em nossa memória afetiva..

Arruda (1988), ao trabalhar o tema do memorialismo mineiro e das razões ou emoções que motivam os escritores e memorialistas mineiros como Pedro Nava, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes dentre muitos, também aborda o tema da mineiridade.

A realidade social de Minas no século 19, ao encaminhar-se para certa autonomia, criou uma subcultura singular, fruto do amálgama entre o passado e o presente, que se poderia denominar por mineirismo. O mineirismo constitui-se, portanto, na expressão de uma subcultura regional. A manifestação cotidiana do mineirismo é a mineirice, enquanto um modo de aparecimento das práticas sociais inerentes aos mineiros

e que servem para distingui-los de outros tipos regionais. A mineiridade exprime, em contrapartida, uma visão que se construiu a partir da realidade de Minas e das práticas cotidianas dos mineiros. Por fundar a figura abstrata dos mineiros e conectá-los a sua origem – o passado ilustrado setecentista – a mineiridade tem as características do mito. E os mineiros, ao identificarem-se com essa construção, absorvem o pensamento mítico e colaboram para a sua permanência. (ARRUDA, 1988, p. 220-221)

Entidade abstrata ou real, ela se manifesta em coisas muito simples, como a percepção do cheiro tão característico de Ouro Preto, proveniente dos musgos que se escondem entre suas pedras seculares e que reacendem sutilmente com o calor do dia, evocando momentos de *déjà vu* em nossa memória afetiva. O fato é que aqueles que cultuam ou cultivam essa tal mineiridade têm enorme prazer em ver, visitar, estudar, pesquisar, ler, ouvir, falar, escrever e respirar sobre tudo o que se relaciona com Minas Gerais, na qual certamente se destacam o nosso Aleijadinho e a arte barroca mineira.

Um pouco sobre o Barroco

Em breves linhas, tracemos o que venha a ser o estilo barroco, no qual se insere a obra de Aleijadinho. Com origem em Roma, pode ser entendido como um estilo definido, uma tendência comum, um gosto aplicado à arquitetura, escultura e pintura, que se estendeu por todo século XVII e pela primeira metade do século XVIII, tanto na Europa, bem como, a seguir, na América Latina (CONTI, 1978).

O barroco atende estrategicamente aos anseios da Igreja Católica numa época em que pretendia recuperar parte de seus crentes perdidos para o protestantismo, impressionando-os com

uma arquitetura e uma arte apelativa em termos de grandiosidade, fascínio e majestade, que, desse modo, evocassem as excelsitudes celestiais, aflorando sentimento e emoção devocionais.

Ele surge logo depois do período renascentista, com suas características artísticas (apelo à razão, sobriedade, definição clássica de planos, linearidade, estabilidade e equilíbrio) contrapondo-se às de apelo emocional, eloquência visual, jogos de luz e sombra, disposições em curvatura, sentido de infinitude ao olhar (*trompe l'oeil*), dentre outras.

O barroco se propaga por toda Europa com maior ou menor intensidade em cada país, inclusive na Espanha e Portugal, que se apropriam de suas características gerais (TAPIÉ, 1983; CONTI, 1978) e acrescentam peculiaridades, transmitindo-as para suas colônias nas Américas, nas quais, por sua vez, adquire tonalidades locais, variando do vulgar ao nível de excelência, como no caso do Brasil — exemplificados em Olinda, Salvador, Rio de Janeiro e Minas Gerais que, por sua vez, teve Ouro Preto e Congonhas do Campo — Santuário de Bom Jesus de Matozinhos e entorno —, reconhecidas como patrimônio artístico da humanidade, graças, em grande parte, às obras do mestre Aleijadinho.

Afinal quem foi esse mineiro de quem tanto se fala?

Aleijadinho: um breve relato biográfico

Relembremos alguns aspectos interessantes de sua biografia, relacionando, ainda, algumas de suas obras mais importantes.

Antônio Francisco Lisboa nasceu nos arredores de Ouro Preto, em 29 de agosto de 1730. Filho do arquiteto português Manoel Francisco da Costa Lisboa e de sua escrava Isabel, foi alforriado logo no nascimento.

O fato é que aqueles que cultuam ou cultivam essa tal de mineiridade têm enorme prazer em ver, visitar, estudar, pesquisar, ler, ouvir, falar, escrever e respirar sobre tudo o que se relaciona com Minas Gerais...

Aprendeu a ler e escrever e, certamente, a profissão do pai influenciou-o, que seguiu a mesma carreira, distinguindo-se também na escultura em pedra e no entalhe em madeira.

Viveu, durante a maior parte de sua vida, em Ouro Preto, numa casa simples em rua lateral à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz de Antônio Dias, dentro da qual foi sepultado, quando morreu, em 1814. Aliás, no subsolo dessa Igreja, funciona atualmente o Museu do Aleijadinho, onde, ao lado de pratarias e obras sacras diversas, podemos ver algumas esculturas e entalhes em madeira de sua autoria.

Segundo o *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira, além de sua cidade natal, podem ser encontradas obras de Aleijadinho em São João del-Rei, especialmente na monumental Igreja de São Francisco de Assis; em Sabará, na Igreja do Carmo; em Catas Altas, na Igreja Matriz de Caeté; em Santa Rita Durão, na localidade de Morro Grande; e em Congonhas do Campo, no monumental Santuário do Nosso Senhor Bom Jesus de Matozinhos, com os profetas esculpido em pedra-sabão no adro frontal, e as capelas dispostas na praça em frente, representando os passos da paixão de Cristo. O conjunto de Congonhas é considerado pela UNESCO Patrimônio Histórico da Humanidade, entretanto, nem sempre foi assim.

Jorge (1971) nos traz um impressionante relato sobre sérios riscos assediados contra o conjunto de Congonhas do Campo, ameaçando sua sobrevivência na primeira metade do século XX. Consta que um dos administradores do Conjunto de Matozinhos, o padre Júlio Engrácia, pediu simplesmente a eliminação sumária das figuras dos Passos.

“Seria de muita honra para a instituição do Sr. Bom Jesus, que a ad-

ministração trata-se de substituir esses monstros extra-humanos....”

“Oxalá mande o administrador, com o mesmo espírito, substituir essas horrendas figuras dos passos e consumi-las para sempre, a modo de que não fique das mesmas o menor sinal, para honra de Deus e da arte mineira” (Jorge, 1971, p. 186).

Deus, em sua infinita sabedoria, não permitiu fosse consumada essa barbárie, para Sua própria honra e também da arte mineira, legando-nos mais um inestimável patrimônio artístico e histórico, enraizado nas Minas Gerais, atualmente de reconhecimento mundial.

Prosseguindo a relação de obras, Falcão (1955) acrescenta o frontispício da Igreja de Santo Antônio, em Tiradentes, como de autoria do mestre. Mas, é em Ouro Preto, que se concentra a maior parte das obras de arquitetura e estatuária de Aleijadinho, marcadamente presentes nas igrejas de Nossa Senhora do Carmo, das Mercês e Perdões, da Conceição, de São José e de Bom Jesus de Matozinhos, todas elas com imagens e alguma atuação do mestre nos riscos arquitetônicos ou da construção de seus altares. Outras importantes imagens estão no Museu da Inconfidência e nas igrejas de São Francisco de Paula (imagem do padroeiro) e do Rosário (imagem de Santa Helena).

Em Ouro Preto, o destaque de sua obra é a Igreja de São Francisco de Assis, na qual, trabalhando em parceria com o mestre mineiro da pintura colonial Manoel Francisco Ataíde, concebeu uma verdadeira jóia do barroco mineiro, talvez sua maior expressão.

A enfermidade de Aleijadinho

A enfermidade que acometeu Aleijadinho aos 47 anos de idade contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento de uma aura mítica em torno do homem e

do artista histórico Antônio Francisco. Seus males físicos teriam produzido grossas deformidades físicas, transformando-o numa figura soturna que preferia as sombras e a escuridão da noite, esquivando-se do convívio social.

Do ponto de vista artístico, sua enfermidade foi usada pelos detratores de sua obra — estrangeiros e patrióticos —, para justificar suas impressões, muitas vezes preconceituosas, afirmando não poder se esperar artisticamente muito de um escultor aleijado. Por outro lado alguns de seus admiradores procuraram enaltecer ainda mais sua obra, considerando-a maior justamente pelas dificuldades impostas pela enfermidade.

Sem negar o impacto espiritual, psicológico e físico que representa uma enfermidade restringindo um homem plenamente produtivo aos 47 anos de idade, acredito pessoalmente que a genialidade do mestre Aleijadinho paira equidistante de ambas as visões apresentadas anteriormente. Tal qual a surdez progressiva que acometeu Beethoven, a genialidade do mestre alemão foi também preservada, apesar de toda angústia que a enfermidade lhe causava.

Do ponto de vista médico, a enfermidade de Antônio Francisco tem sido discutida por especialistas a partir dos relatos de seu primeiro biógrafo, Rodrigo José Ferreira Bretas, descrita em obra intitulada *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*, publicada em 1858 (44 anos depois da morte do artista), que teve sua primeira reprodução gráfica em 1896 na *Revista do Archivo Público Mineiro*, v. 1, p. 163-174.

Desde então, a polêmica sobre sua enfermidade ganhou espaço na mídia e em diversas publicações. Furtado (1970) relaciona extensa bibliografia sobre Aleijadinho com enfoque

principal em sua(s) enfermidade(s), como se segue:

Djalma Andrade (*De que morreu o Aleijadinho?*, 1924), Renê Laclette (*A doença de Aleijadinho*, 1929) Agripa de Vasconcelos (*De que morreu o Aleijadinho*, 1930), Phocion Sepa (*As moléstias do Aleijadinho*, 1930), Américo Valério (*Causa Mortis do Mestre Aleijadinho — Lepra ou Seryingomyelia*, 1933), Nicolau Ciancio (*De que morreu o Aleijadinho*, 1933), José Mariano Filho (*Depoimentos levianos sobre a moléstia de Antônio Francisco Lisboa*, 1942), Martins de Andrade (*Sofria o Aleijadinho de transformação congênita*, 1942), Antônio Alves Passig (*Ainda a moléstia de Aleijadinho*, 1943-1944), Floriano Lemos (*Ruínas vivas, A doença de Aleijadinho*, 1944), José Mariano Filho (*Contribuição para o diagnóstico póstumo da enfermidade ou enfermidades de Antônio Francisco Lisboa*, 1944), Jamil Almansur Haddad (*Arte e doença de Aleijadinho*, 1945), J. B. de Paula Fonseca Jr. (*Por que deformava o Aleijadinho*, 1957), Alípio Corrêa Netto e Eugênio Luiz Mauro (*Médicos diagnosticam a doença do Aleijadinho*, 1963), Paulo Augusto Galvão (*Hipertelorismo e estrabismo divergente na obra do Aleijadinho*, 1964)

Durante o período de 1924 a 1964, várias hipóteses diagnósticas foram levantadas por diversos médicos e professores. Então, quando da comemoração do sesquicentenário de morte de Aleijadinho (1814-1964), a Associação Médica de Minas Gerais promoveu um debate sobre o tema reunindo os médicos que advogavam as hipóteses mais prováveis e consistentes sobre a(s) enfermidade(s) do Aleijadinho.

Assim sendo, compareceram à mesa-redonda o professor René Laclette, o professor Tancredo Alves Furtado, o médico e historiador Pedro Salles, o professor Alípio Corrêa Netto e o professor Geraldo Guimarães

da Gama, cada um defendendo as seguintes hipóteses diagnósticas: lepra nervosa, para-amiloidose e porfiria (Laclette), lepra nervosa (Furtado), tromboangeíte obliterante (Netto) artrite reumatóide juvenil e acidente vascular cerebral (Gama).

As versões foram devidamente expostas, mas a polêmica permaneceu viva no meio médico e, logo depois, em 1967, o professor Carlos da Silva Lacaz reforçava a defesa da hipótese de porfiria cutânea tardia, baseado em uma exumação (sem cuidados técnicos) feita no túmulo do Aleijadinho no princípio do século XX, quando, então, teria sido verificada uma cor avermelhada nos ossos do mestre, invocando a suspeita de porfiria. O professor Lacaz propôs-se a fazer nova e cuidadosa exumação para estudo científico dos ossos do Aleijadinho, a qual ocorreu efetivamente em 1971. Entretanto, segundo Carvalho (1998), o professor Lacaz faleceu sem completar aqueles estudos, o que o motivou a um novo pedido de exumação, realizada em 16 de março de 1998, quando, novamente, foram encontrados ossos de cor avermelhada sugerindo o diagnóstico de porfiria, mas sem a possibilidade de confirmação de que fossem do artista, uma vez que foram encontrados misturados à outra ossada. Permaneceu viva tanto a hipótese como a polêmica diagnóstica.

O último estudo consistente sobre o tema vem do professor Geraldo Gama, que, recentemente, em 2004, defendeu a tese de que o artista teria sofrido um acidente de trabalho aos 47 anos de idade, provavelmente, a queda de um andaime, provocando problemas de locomoção com recuperação muita lenta, ao longo de 12 anos. Já na velhice, Gama sustenta que Aleijadinho possa ter sofrido as conseqüências de um acidente vascular cerebral, ou de sífilis tardia, ou de escorbuto, até mesmo, concomitantemente.

Apesar da consistência desse último estudo, parece-nos que o assunto não está esgotado, até porque o próprio mito parece realimentá-lo num quadro que mescla o afã da investigação diagnóstica inerente à formação médica, o fascínio por uma obra maior em termos de vida e arte e o desafio de refazer a história encontrando a(s) verdade(s), *leitmotiv* muito próprio dos historiadores profissionais ou bissextos.

Considerações finais: o barroco mineiro e seu significado a nível mundial

A própria existência do Aleijadinho foi posta em dúvida, como se fosse impossível que, nestas longínquas paragens, vivesse um artista tão genial e profícuo. A esse respeito, Rezende (1965) reproduz parte do incisivo depoimento do professor Tabajara Pedroso sobre a inexistência do artista.

“Assim como chegaram a duvidar da existência de um Shakespeare, em face do gigantesco de sua produção literária, houve também quem cismasse a respeito do Aleijadinho, achando demasiada a sua obra para ser de um só artista. Mas isso tanto aqui como lá, não passou de uma ardilosa e intempestiva cisma.” (Rezende, 1965, p. 49).

Hoje em dia, a obra do Mestre Aleijadinho tem reconhecimento mundial, atraindo milhares de visitantes de todas as partes do mundo para essas distantes paragens montanhosas, onde se situam as principais cidades históricas mineiras.

Por que motivo turistas europeus, tão acostumados a conviver com grandiosas obras históricas praticamente a cada esquina das cidades de seus países, viriam aportar aqui nesses sertões e montanhas para reverenciar as artes barrocas mineiras e seus mestres?

*A própria
existência do
Mestre Aleijadinho
foi posta em
dúvida como se fosse
impossível que nestas
longínquas paragens
vivesse um artista
tão genial e profícuo.*

Parte da resposta deixo para Mário de Andrade:

“As igrejas de Aleijadinho não se acomodam com o apelativo belo, próprio à São Pedro de Roma, à catedral de Reims, à Batalha, ou à horrível São Marcos de Veneza. Mas são muito lindas, são bonitas como o quê. São dum sublime pequenino, dum equilíbrio, duma opureza tão bem arranjadinha e sossegada, que são feitas pra querer bem ou acarinhbar, que nem na cantiga nordestina. São barrocas, não tem dúvida, mas sua lógica e equilíbrio de solução é tão perfeito que o jesuitismo enfeitador desaparece, o enfeite se aplica com uma naturalidade tamanha, que, se o estilo é barroco, o sentimento é renascente.” (JORGE, 1971, p. 63).

Em outras palavras, há uma beleza muito própria na obra de Aleijadinho, que carece de comparações lineares e simplistas, e que certamente impressiona até mesmo aqueles acostumados a obras grandiosas.

Acrescento outro aspecto que considero também muito próprio. Em Roma existe uma grande obra histórica em quase toda parte. Respira-se história e beleza a todo momento. Afinal, Roma foi o centro do mundo durante muitos séculos. Toda riqueza, arte, beleza, cultura e até uma religião inteira (a grega) para lá foram levadas, acumulando um acervo inigualável. Todos os caminhos levavam à Roma.

Do outro lado, quase no fim do mundo, situavam-se as Minas Gerais, para onde não havia quase nenhum caminho, distante centenas de quilômetros do litoral, perdidas no interior de um país colonizado sob a égide do extrativismo.

Pois foi nesse “fim de mundo” que se construiu e se conservou um patrimônio artístico-cultural lindo em

si próprio — mesmo se posto em qualquer lugar do mundo — e absolutamente surpreendente, justamente por se situar em tão longínquas e inóspitas paragens.

Do afamado construtor alemão de órgãos Arp Schenitger existem hoje cinco exemplares no mundo, um deles trazido no século XVIII para o Brasil, a seguir transportado em lombo de burro para a cidade de Mariana, que encanta e surpreende visitantes de todas as partes do mundo. É lindo por si próprio e surpreendente por estar logo aqui.

A Igrejinha Nossa Senhora do Ó, de Sabará, retrata uma beleza singular do barroco mineiro, pequena e preciosa como uma pérola. O pequeno altar central traz uma obra-prima de criatividade, pois, ao se posicionar frente a ele, o visitante com os olhos semicerrados, vê nitidamente a imagem de Jesus Cristo, criativa e pacientemente elaborada para ser vislumbrada apenas dessa forma. Linda, criativa e surpreendente, estando logo ali.

Entre grandes serras, com destaque para a do Caraça, ergueu-se em 1774 uma pequena ermida dedicada a Nossa Senhora, logo transformada em casa de romaria e, depois, num centro educacional, conhecido como o Colégio do Caraça, com proposta educacional ímpar para tão longínqua paragem. (Zico, 1982 e 1990) Centro de educação e de cultura, lindo, imponente em sua conjunção homem e religiosidade/arquitetura e natureza, e surpreendente por estar logo aqui, escondido dentre elevadas e inóspitas montanhas, como se fosse a própria porta do céu.

Há muito de saga, força espiritual, criatividade, genialidade, além de sede, desejo e receptividade ao belo na construção paciente e paulatina desse incrível acervo histórico e cultural encravado entre as montanhas de Minas Gerais.

Para terminar, faço um alerta a todos aqueles mineiros e brasileiros

*Há muito de saga,
força espiritual,
criatividade,
genialidade, além de
sede, desejo e
receptividade ao belo
na construção
paciente e paulatina
desse incrível acervo
histórico e cultural
encravado entre as
montanhas
de Minas Gerais.*

sensíveis ao apelo da mineiridade. Um jornal mineiro (*O Tempo*) publicou preocupante reportagem constando que a maioria dos belo-horizontinos desconhece Ouro Preto e seu patrimônio cultural.

Daqui a nove anos, em 2014, estaremos vivenciando o bicentenário de morte de Aleijadinho. Faz-se necessário que essa fonte perene de beleza e cultura esteja cada vez mais

disponível para todos. Uma nova retomada de valorização do que é nosso deve fazer parte do dia-a-dia, permeando, se possível, até mesmo nossas atividades e ambientes cotidianos, divulgando e enaltecendo nossa herança cultural, sempre em alto e bom som, pois esse é um dos poucos casos em que a vocação para o silêncio tão típica dos mineiros, não é recomendável.

Referências

- ARRUDA, M. A. N. Minas: tempo e memória. *Ciências Sociais Hoje*, 1988, p. 219-237. São Paulo: Vértice/ Editora Revista dos Tribunais/ ANPOCS, 1988.
- BANDEIRA, M. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Tecnoprint., 1939.
- CARVALHO, G. B. *Qual era a doença de Aleijadinho?* Belo Horizonte: Jornal da AMMG, 1998.
- CONTI, F. *Como reconhecer a arte Barroca*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- FALCÃO, E. C. *Nas paragens do Aleijadinho* (Guia das Minas Gerais). São Paulo, 1955.
- FURTADO, T. A. *O Aleijadinho e a medicina*. Belo Horizonte: Cento de Estudos Mineiros da UFMG, 1970.
- GAMA, G. G. *Os mistérios na vida de Aleijadinho*. Belo Horizonte: Edições C. L. A., 2004.
- JORGE, F. *O Aleijadinho*. 5. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- MATA-MACHADO, B. N. *História do sertão noroeste de Minas Gerais (1690-1930)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1991.
- REZENDE, A. *Lembrando Ouro Preto e Aleijadinho*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1965.
- TAPIÉ, V. L. *O barroco*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1983.
- ZICO, J. T. *Caraça: parque natural e arquivo do colégio*. Belo Horizonte: O Lutador, 1990.
- ZICO, J. T. *Caraça: sua igreja e outras construções*. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983